



Onde está Amarildo? A foto de Alcyr Cavalcanti correu o mundo...

(Acervo do Autor, 2013)

A FAVELA DA ROCINHA E O NOVO TRATO DOS VIVENTES: O FOLHETIM

Luiz Carlos Toledo

&

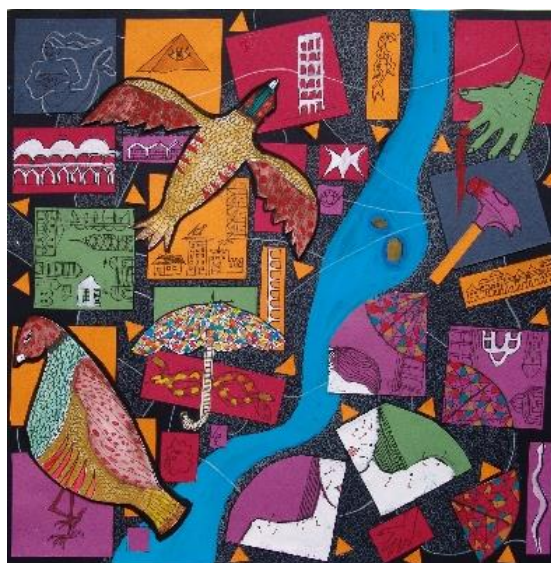
Companheiros de Caminhada

Com luxuosa revisão de Andrea Toledo

Capítulo IV

ROCINHA, AINDA uma DESCONHECIDA

Dedico **O Folhetim** aos jovens da Rocinha, favela esquecida pelos governantes, cuja criminoso omissão a transformou em uma das Cidades Invisíveis criadas por Ítalo Calvino e por mim desenhadas na oficina de arteterapia do Hospital Sarah Rio, sob olhar atento de Aline.



RAISSA

Nos últimos três anos troquei os romances e a poesia por livros, teses, dissertações, artigos, notícias de jornais e revistas que tivessem a Rocinha como tema; assisti a documentários no cinema e na televisão; ouvi podcasts e programas radiofônicos - cheguei a criar um com o Elias, na Rádio Brisa¹, para divulgar o ***Plano Diretor de Desenvolvimento Socioespacial da Rocinha*** entre os moradores e esclarecer as suas dúvidas; usei exaustivamente a internet e - como já vinha fazendo há mais de vinte anos - passei uma infinidade de horas no campo tentando conhecer uma comunidade em permanente transformação.

Houve tempo, ai de mim, em que pensei ter solucionado o enigma dessa esfinge, que deixou a companhia das pirâmides para se aboletar nas encostas dos Dois Irmãos e adjacências, trocando as areias escaldantes do deserto pela paisagem exuberante das montanhas e do mar da Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro.

Ledo engano, depois de frequentar a Rocinha por mais de duas décadas, cheguei à conclusão de que seus segredos jamais seriam desvendados por alguém como eu, vindo do asfalto. Não me importei, por saber que a tarefa não me cabe, e sim aos jovens da Rocinha, para quem escrevo este modesto folhetim. Aliás, temo que não lhes restará alternativa: ou solucionam o enigma dessa esfinge que carrega nas entranhas os vírus da desigualdade e do racismo, ou serão por ela devorados. Para enfrentar tamanho

¹ Rádio comunitária da Rocinha, de propriedade do Elias, um misto de empreendedor, comunicador e mestre de capoeira.

desafio terão que se preparar, primeiramente, incorporando a resiliência e o conhecimento daqueles que lhes antecederam na luta e que souberam erguer, com as próprias mãos, a maior favela do Brasil, resistindo às tentativas de remoção. É bem verdade que vocês, bravos jovens da Rocinha, enfrentarão um inimigo emponderado pelo neoliberalismo e pela injustiça que este provoca. Para vencer, terão que se armar à altura do desafio, não com os fuzis que os matam em nome de uma suposta ordem, mas se assenhorando de toda a complexidade do lugar onde vivem, desvendando seus segredos e conhecendo-o de cabo a rabo para livrá-lo, finalmente, do apagamento criminoso a que foi submetido por interessados em manter o status quo.

Conhecer a Rocinha é, a meu juízo, a arma mais potente para resgatar a favela da incúria dos governantes e do desvario de uma parcela significativa da sociedade que teima em negar à população favelada o direito à cidade e à cidadania.

Conhecer a favela nas suas diversas dimensões e especificidades é o passo inicial para reivindicar esses direitos; nesse aspecto, o fato de vocês, jovens da Rocinha, nela residirem certamente lhes confere uma maior facilidade para compreender o que ali se passa. Tal fato, contudo, talvez não baste para identificar as causas e processos que contribuíram para a segregação do lugar onde vivem. Nesse sentido, se capacitar para tanto, inclusive bebendo de outras fontes de conhecimento existentes na própria favela e além dela, talvez seja a melhor estratégia.

Que tal, portanto, recorrermos mais uma vez aos nossos companheiros de caminhada? Neste capítulo IV buscamos, entre os muitos companheiros que nos acompanham desde o primeiro capítulo d'O Folhetim, aqueles que, antes de nós, trilharam os becos da Rocinha e de outras favelas, cujos saberes nos ajudarão a conhecer ainda mais profundamente esses lugares, tornando-nos capazes de identificar e mensurar problemas estruturais a serem superados e potencialidades a serem aproveitadas, para que possamos pressionar os governantes tendo plena consciência do que a favela necessita para reverter o estado de abandono em que se encontra.

Não vejo a hora em que a produção dos jovens mestres e doutores da Rocinha se somará a esses saberes.

O ponto de partida da nossa caminhada atende pelo estranho nome de SAGMACS², a sopa de letrinhas responsável, nos anos 1960, por uma verdadeira revolução metodológica utilizada para pesquisar dezesseis favelas do Rio de Janeiro, sendo uma delas a Rocinha³.

O curioso é que a pesquisa da SAGMACS sobre as favelas cariocas foi encomendada pelo jornal paulista O Estado de São Paulo e publicada em 1960, no contexto em que se discutia a transferência da capital para Brasília. O jornal combatia a mudança e ao mostrar o estado de penúria da população favelada do então Distrito Federal, pretendia questionar a transferência da capital, sugerindo que os enormes investimentos que seriam feitos poderiam ser melhor aplicados se destinados a ações que promovessem maior qualidade de vida aos favelados cariocas.

² A Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas ao Complexos Sociais (SAGMACS), hoje extinta, foi criada em São Paulo, em 1947, pelo frei dominicano francês Louis-Joseph Lebret.

³ As 16 favelas que fazem parte do estudo da SAGMACS foram: Favela de Jacarezinho, Morro de São Carlos, Favela do Esqueleto, Barreira do Vasco, Favela Vila do Vintém, Favela Parada de Lucas, Vila Proletária da Penha, Favela de Cordovil, Morro do Telégrafo, Morro do Bonsucesso, Morro da Providência, Favela do Escondidinho, Praia do Pinto, Rocinha, Parque Proletário da Gávea e Favela do Cantagalo.

Em 2010, nas comemorações dos 50 anos da publicação do estudo, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFICS-UFRJ), através do Laboratório de Etnografia Metropolitana, organizou o colóquio *Aspectos Humanos das Favelas Cariocas: ontem e hoje*, reunindo pesquisadores e interessados no tema das favelas. Um dos frutos do colóquio foi a publicação, em 2012, do livro *Favelas cariocas, ontem e hoje* (MELLO et.al, 2012), que reúne vários artigos sobre o estudo da SAGMACS. Desse livro, selecionei dois trechos para servirem de iscas que atraiam vocês a lê-lo por inteiro.

Além disso, recomendo conhecer o próprio estudo da SAGMACS, disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19600415-26062-nac-0090-epl-42-not>.

E não sou o único a recomendar a leitura da pesquisa da SAGMACS: a socióloga Maria Laís Pereira da Silva, autora do artigo *Os urbanistas e seus debates: reflexões sobre "Aspectos Humanos da Favela Carioca"* incluso no referido livro *Favelas cariocas, ontem e hoje* (MELLO et.al, 2012, p.101), faz o mesmo no trecho a seguir:

"A oportuna e importante comemoração dos 50 anos do estudo da SAGMACS permite, mais uma vez, uma releitura desse trabalho até hoje insuperável na riqueza e nos aportes que trouxe para o estudo das favelas cariocas. Na minha geração, especialmente entre os cientistas sociais ligados ao estudo da cidade e de suas favelas, quem não trabalhou nessa pesquisa, conheceu ou ouviu falar do estudo e de seus autores. Debruçar-se novamente sobre os escritos da SAGMACS traz uma releitura emocionante porque sempre se descobrem novos ângulos, novos vieses. Perdi a conta, aliás, das vezes que reli a pesquisa, porque esta parece inesgotável nos aspectos e nos caminhos que pode nos apontar com relação às favelas, ao Rio de Janeiro, ao urbanismo, ao planejamento urbano, às metodologias de pesquisa, enfim, a infindáveis campos"

O segundo trecho selecionado é de autoria do sociólogo José Arthur Rios, professor da PUC-Rio, que assumiu, em 1957, tanto a chefia do escritório da SAGMACS, no então Distrito Federal, como a coordenação da pesquisa. Além de Rios, a equipe era composta pelo sociólogo Carlos Alberto Medina e o Arquiteto Hélio Modesto, que selecionaram vários estudantes universitários, a maioria de Serviço Social, para o trabalho de campo. Completava a equipe principal a arquiteta Maria Cândida Pedrosa de Campos, encarregada de produzir os mapas, gráficos e tabelas que, além da interdisciplinaridade da equipe, caracterizavam a metodologia da SAGMACS⁴:

"Numa primeira fase, os pesquisadores aplicaram em 12 favelas os questionários do levantamento socioeconômico de Le Bret, já usados e aprovados em outras paragens. Dentro do conceito amplo de necessidade, os questionários abrangiam níveis de vida (saúde, habitação etc.) Seus dados eram depois transpostos para os famosos mapas gráficos, tapetes e diagramas, exemplarmente traçados por Maria Cândida. Permitiam-nos, e essa era sua maior finalidade, uma visão comparativa dos diversos níveis analisados – porque o método Le Bret, inspirado no sociólogo Le Play, tinha em vista uma futura intervenção nas estruturas sociais e na sua mudança. **Não pretendiam ser o frio instrumento de uma abstrata ciência social, mas visavam a uma ação transformadora das estruturas. Dependiam, portanto,**

⁴ A comparação desses mapas com a realidade atual da favela daria, a meu ver, uma excelente dissertação de mestrado!

de uma vontade política – este, seu mérito e seu ponto fraco”.
(RIOS, José Arthur *in Favelas cariocas, ontem e hoje*, 2012, p.37).

Escolhi esses parágrafos, notadamente o trecho em negrito, porque atribuo ao *Plano Diretor de Desenvolvimento Socioespacial da Rocinha*, realizado em 2006/2007 por uma equipe multidisciplinar formada por arquitetos, sociólogos, artistas plásticos, engenheiros, pedagogos e moradores, alguma semelhança metodológica com o estudo da SAGMACS. Com efeito, embora esse estudo se limitasse à elaboração do diagnóstico das 16 favelas pesquisadas, não era, assim como o Plano Diretor, um “*frio instrumento de uma abstrata ciência social*”. Além disso, um e outro dependiam, sobretudo, da vontade política dos governantes para terem alguma serventia além da acadêmica.

O Plano Diretor, além de um diagnóstico detalhado, realizado por técnicos tarimbados a partir da escuta dos moradores, associações e coletivos da Rocinha, produziu diretrizes de desenvolvimento, propostas e projetos setoriais abrangendo aspectos socioeconômicos, urbanísticos, infraestruturais (saneamento básico e iluminação pública), habitação e transporte/circulação.

O estudo da SAGMACS e o Plano Diretor, como vimos, dependiam da vontade política do Governo do Estado para serem implantados, e foi justamente pela falta de compromisso dos governantes que a pesquisa da SAGMACS não teve continuidade e o Plano deu com os burros n’água, já que - concebido como um Plano de Estado, e não de governo - faltou-lhe a continuidade necessária a um trabalho que tinha um horizonte de implantação de 15 anos. (Ver a *Introdução* de *O Plano*, 2025)

Ambos os estudos causaram mudanças metodológicas, por serem trabalhos compreensivos, elaborados por equipes multidisciplinares, com grande participação dos moradores. A escuta aos moradores, no estudo da SAGMACS, deu-se pela aplicação de extensos questionários que revelaram as condições adversas das famílias pesquisadas e os problemas estruturais dos locais onde viviam, traduzidos por meio de gráficos e mapas que facilitavam a visualização da pesquisa.

Já o Plano Diretor adotou uma estratégia metodológica baseada na implantação de um escritório local aberto aos moradores, na realização de dezenas de encontros com a população para divulgar e discutir o Plano e na então inédita inclusão de dois moradores da Rocinha na equipe técnica principal, além da contratação de uma dezena de jovens da favela para os levantamentos de campo. (Ver as *Estratégias Metodológicas*, em *O Plano*, 2025, p.59).

O caráter compreensivo do Plano Diretor de Desenvolvimento Socioespacial da Rocinha e a interdisciplinaridade da equipe (que produziu diagnósticos relativos à socioeconomia, meio ambiente, urbanização, saneamento, habitação e legislação, entre outras informações fundamentais para o estabelecimento de diretrizes, propostas e projetos, abrangendo os principais problemas locais) são reconhecidos na favela e também na academia, como se depreende do trecho do prefácio escrito pelo sociólogo Marcelo Burgos, para o livro *O Plano* (TOLEDO, 2025) a seguir:

“No entanto, para fazer com que essa percepção de fato viesse a aflorar ao nível da consciência dos moradores da Rocinha, seria indispensável a construção, entre eles e o escritório, de uma relação horizontal, rotineira e intensa, capaz de estabelecer o ambiente de confiança necessário a uma verdadeira troca de saberes. Aqui reside, a meu ver, o coração da metodologia do PDR, pois o que se pretendia alcançar não era tanto a “opinião” ou a apreensão da “percepção” do morador, e sim um processo

dialógico, de troca de conhecimentos em um nível mais elaborado, por meio do qual a interlocução sociotécnica pudesse suscitar descobertas que nem os técnicos, nem os moradores seriam capazes de conceber sozinhos. É desse processo que começa a surgir o conjunto de diretrizes que iria compor o Plano. O MT⁵ também se atentou à questão da legitimidade do documento que produziria. Afinal, como Toledo nos diz, a primeira postura dos moradores da Rocinha em face do escritório foi de desconfiança. Uma desconfiança espontânea que costuma brotar da situação de distância, em geral imposta pela abordagem técnica, que pretende se apresentar como superior a outras formas de conhecimento. Mas também uma desconfiança que se alimenta de vivências anteriores, de traições praticadas por atores externos, que muitas vezes se apropriam de seu conhecimento sem estabelecer uma cumplicidade real com a sua luta por direitos. Portanto, por trabalhosa que fosse, a metodologia proposta pelo MT continha um tipo de racionalidade superior à daqueles que têm uma visão tecnocrática da urbanização. De um lado, porque valorizava a importância de aprender com os moradores, mas também de construir com eles novas formas de compreensão da complexidade de uma favela como a Rocinha. Por outro lado, porque compreendia que só faz sentido desenvolver um plano se este fizer sentido para os moradores, do mesmo modo que o projeto só fará sentido para a comunidade se, de algum modo, suas conclusões e encaminhamentos se originarem de um processo de construção coletiva. (BURGOS in O PLANO, 2025)

Marcelo Burgos, com fina percepção, ressalta a importância de “um processo dialógico, de troca de conhecimentos em um nível mais elaborado, por meio do qual a interlocução sociotécnica pudesse suscitar descobertas que nem os técnicos, nem os moradores seriam capazes de conceber sozinhos”. Esta fala nos fez incluir entre os companheiros de caminhada dez personalidades da Rocinha e dez estudiosos da favela que, entrevistados por mim em encontros memoráveis, responderam à pergunta que sempre me intrigou: ***por que, em sua opinião, as políticas adotadas para melhorar a qualidade de vida na Rocinha, nas últimas décadas, não atingiram seus principais objetivos?***

Os dez encontros estão disponíveis em <https://forumrocinha.wixsite.com/favela> e serão objeto do próximo capítulo deste folhetim.

O meu apartamento no bairro do Humaitá serviu de palco para os encontros, contudo muitas vezes me vi transportado para o escritório onde nossa equipe, nos idos de 2006/2007, se reunia na favela para elaborar o *Plano Diretor de Desenvolvimento Socioespacial da Rocinha*, não raro varando noites discutindo com os moradores os problemas e potencialidades da favela e tentando visualizar o seu futuro (que, naquele momento de grande esperança, parecia ser risonho). Infelizmente nos equivocamos: os problemas se agravaram e as potencialidades foram derrotadas pela desigualdade crescente, pelo racismo estrutural e pela corrupção dos governantes da época, que fizeram com que os principais objetivos do plano diretor deixassem de ser atingidos.

Resta-nos, portanto, a difícil tarefa de identificar como esses e outros obstáculos incidem, não só na Rocinha, mas na maioria das favelas. Esse é o objetivo da pesquisa *A Favela da Rocinha e O Novo Trato dos Viventes* e do seu principal instrumento de

⁵ O escritório de campo foi implantado na Rocinha pela firma MT – Mayerhofer & Toledo. Arquitetura. Planejamento. Pesquisa Ltda.

luta: **O Folhetim**, criado para motivar vocês, jovens da Rocinha, a encararem o desafio de libertar seu território da prisão imposta pelo *novo trato dos viventes*⁶.

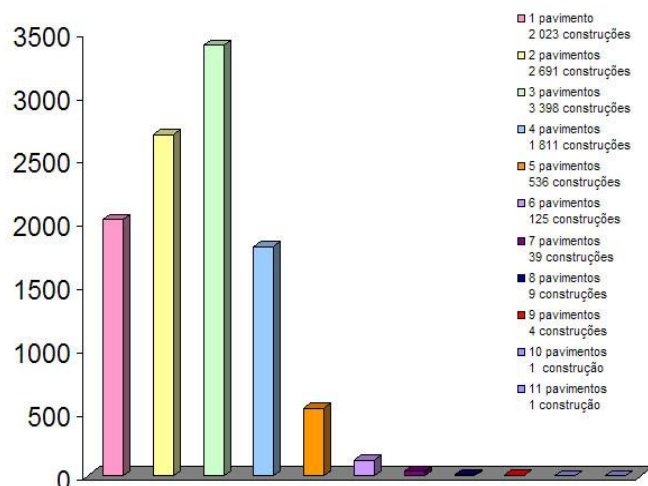
Certamente duas das causas do fracasso das políticas públicas desenhadas para as favelas são a visão e a atuação erráticas do Estado nesses territórios. No artigo de Marcelo Baumann Burgos no livro *Um Século de Favela*, organizado por Alba Zaluar e Marcos Alvito (2006), Burgos nos mostra as idas e vindas do Estado, que ora vê a favela como um problema sanitário, ora como um refúgio de bandidos, um antro de comunistas (durante a ditadura) ou, ainda, como um câncer a ser extirpado (removido), para logo voltar a trás e decidir pela urbanização, numa série de idas e vindas que explicam a falta de continuidade e consistência das intervenções nesses territórios.

Outro obstáculo a ser vencido é a falta de dados confiáveis para embasar a construção de políticas públicas eficazes. Senti na pele essa dificuldade, durante a elaboração do Plano Diretor da Rocinha, quando, por exemplo, os dados demográficos oficiais, fundamentais para o dimensionamento de políticas públicas, eram questionados não só pelos moradores mas também pela Light, levando-nos a usar uma estimativa própria, feita a partir de uma pesquisa de campo que, ao longo de três meses, levantou o número total de edificações e de lajes da Rocinha⁷.

total de edificações	10638
total de lajes	22488

⁶ A leitura de *O Trato dos Viventes*, o livro seminal de Luiz Felipe de Alencastro, que estuda a formação do Brasil no Atlântico Sul nos séculos XVI e XVII, foi o impulso que faltava para mudar meu entendimento sobre a Rocinha, por mim reconhecida no Plano Diretor como sendo “uma formidável plataforma de ascensão social”. Lendo o livro de Alencastro percebi que as favelas se assemelhavam aos *postos de tratos e avenças* ali mencionados (onde se estabeleciam os contratos entre os que capturavam os escravos e os que os exportavam para a Europa e, principalmente, para o Novo Mundo), constituindo - ao inverso de uma plataforma de ascensão social - um produto acabado do capitalismo colonial, o lócus onde a exploração e a espoliação dos viventes são as mais abjetas. As condições, chamadas por mim de “o novo trato dos viventes”

⁷ Segundo o censo de 2000 do IBGE, a população da Rocinha era de 50.200 habitantes. A estimativa da Light para 2006, feita a partir do consumo de energia elétrica, era de 100.000 habitantes. Por sua vez, as associações de moradores da favela estimavam a população em 200.000 habitantes. A partir do número total de lajes e de um número médio de 4,9 pessoas por pavimento, nossa estimativa foi de 110.000 habitantes.



Fonte: O Plano Diretor de Desenvolvimento Socioespacial da Rocinha.

Segundo o Censo de 2022 do IBGE, mais de uma década após a elaboração do Plano Diretor, a população da Rocinha era de apenas de 72.021 habitantes, indicando que a nossa estimativa, a da Light e a dos moradores estariam superdimensionadas. A intenção não é lançar dúvidas sobre o resultado do censo, mas, por experiência própria, sei da extrema dificuldade de pesquisar e, até mesmo, acessar as edificações na Rocinha, tanto pela falta de acessibilidade, como pela dificuldade de contar com a colaboração dos moradores, desconfiados ao serem instados a prestar informações a um Estado que os ignora e criminaliza (sem contar com as restrições impostas pelo crime organizado, que domina a favela com mão de ferro, impedindo o trabalho dos recenseadores).

Por essas e outras, corre à boca pequena na Rocinha a suspeita de que o último censo e o anterior foram feitos pelos recenseadores de “cima das passarelas” - da antiga e da nova, projetada por Oscar Niemayer, a preferida dos fotógrafos que retratam a favela.

Para superar esse problema, penso que seria interessante a elaboração, pelos próprios moradores, de um *survey* que abrangesse todas as edificações da favela e que, além dos dados demográficos, trouxesse informações socioeconômicas das famílias e características das edificações quanto à localização, uso, número de pavimentos, acessibilidade, ligação às redes de infraestrutura de saneamento, aspectos característicos construtivos e estado de conservação, entre outros dados fundamentais para a construção de políticas públicas que visem o desenvolvimento socioeconômico e a promoção de habitações saudáveis.

De toda a forma, sempre desconfiem da validade de um dado, checando-o, assim como sua fonte, antes de assumi-lo como verdadeiro - cuidados que evitarão a construção de teorias equivocadas que poderiam dar margem a políticas públicas ineficazes ou, o seria ainda pior, políticas que se desdobrassem em intervenções danosas.

Desconfiar sempre, portanto, é uma característica do bom pesquisador, como se perceber na historinha hilária que aconteceu com o grande geógrafo Orlando Valverde⁸:

Era o sexto dia de uma pesquisa na zona rural de Corumbá. Há horas, a bordo de um jipe caindo aos pedaços, num dia

⁸ Trabalhei com Orlando em inúmeros Planos de Desenvolvimento Local Integrado - PDLIs, nos anos 1970. O “causo” que relatei aconteceu na zona rural de Corumbá, quando desenvolvíamos o PDLI do município. Orlando Valverde, professor em Heidelberg e em universidades francesas e americanas, foi um dos maiores geógrafos brasileiros do seu tempo.

particularmente quente, não encontrávamos viva alma para Orlando satisfazer sua insaciável curiosidade com a costumeira bateria de perguntas sobre a região, com que fulminava todo e qualquer inocente cidadão que lhe surgia pela frente.

Não se contentava com as respostas dos fazendeiros e capatazes das fazendas em que pernoitávamos. Preferia entrevistar as pessoas simples do lugar; delas extraía, segundo ele, as melhores informações para o relatório que escrevia até tarde da noite, transcrevendo as informações colhidas no campo, suas observações e conclusões, em folhas de papel almaço, mesmo após um dia extenuante de trabalho de campo.

Quando já estávamos perto de desistir, avistamos um velhinho encarapitado numa cerca. Chama-se Antônio, Tonho para o doutor que o bombardeava com perguntas, a que o velho respondia com detalhes tão minuciosos quanto preciosos para um Orlando alegre como pinto do lixo!

As perguntas versavam sobre o clima, fertilidade do solo, relações e condições de trabalho, qualidade do pasto, gramíneas, zebuínos, equinos, criação extensiva, tecnologia, preservação do meio ambiente, fauna e o tamanho das gigantescas fazendas.

A tudo o sábio velhinho respondia sem titubear.

Ivan, o motorista, e eu estávamos igualmente felizes, pela alegria do grande geógrafo, mas, principalmente, porque estávamos com fome, e depois daquela soberba entrevista, Orlando, certamente não se oporia que voltássemos correndo para Corumbá para jantar, mas, para nosso desespero, Orlando, guardando a caderneta de campo, sapecou uma nova pergunta: você é daqui mesmo, Tonho?

Não, seu, Orlando, vim de longe, lá do Maranhão - respondeu o entrevistado.

E há quanto tempo você está aqui, Tonho?

Cheguei só há quinze dias, seu Orlando.

Entramos no jipe em silêncio e, naquela noite, Orlando Valverde não transcreveu nenhuma anotação no seu inigualável relatório.

Fecho este capítulo d'O Folhetim com uma convicção e um desejo: a convicção é que vocês, jovens da Rocinha, estão amplamente preparados para tomar em suas mãos o futuro da comunidade, assumindo a tarefa de planejar o seu desenvolvimento urbano e social, ou melhor, o seu "*envolvimento*" urbano e social, conforme preconizado por Antônio Bispo⁹. O desejo é que não percam tempo, estudem muito, se capacitem cada vez mais para assumir o enorme desafio que terão pela frente, e façam da Rocinha um exemplo de superação, de igualdade social e de bem viver!

Bibliografia:

MELLO, Marco Antônio et Al, *Favelas Cariocas ontem e hoje*, Editora Garamond, RJ, 2012.

TOLEDO, Luiz Carlos et Al, O PLANO, entrelaçando olhares sobre a Rocinha, PROARQ, 2025.

SANTOS, Antônio Bispo Dos, *A terra Dá, A Terra Quer*, São Paulo, UBU Editora, 2023

⁹ Antônio Bispo dos Santos, em seu livro *A Terra Dá, a Terra Quer*, sugere, em boa hora, que pensemos menos em *desenvolvimento* e mais em *envolvimento*.

